

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**ANTROPOLOGIA DE SÍNTESE**  
**A EGOÊNCIA DO SER**

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# INTRODUÇÃO

O homem moderno brinca com o futuro, mas o futuro brinca com o homem. Sob este signo nasce o homem planetário.

O homem planetário é uma plasmação da nova era. A ‘matéria humana’<sup>1</sup> se desestabiliza, as correntes cósmicas invisíveis se fazem visíveis e a vida produz novas cintilações, novas configurações, novos órgãos. Este salto na antropogênese é uma verdadeira obra de arte, de artista desconhecido: não pertence a ninguém em particular e pertence a todos. É evolução e revelação. Pertence à história e está fora da história. O processo oculta a mensagem, mas a mensagem se revela no processo.

Antropologia de síntese não é uma construção do pensamento sistemático. É, melhor dito, uma atitude do espírito em direção à compreensão do ser humano como totalidade. Compreensão de totalidade é ‘síntese’, mas não só síntese lógica, mas também analógica e biológica.

Vivemos hoje um fenômeno de futuro que não compreendemos, mas que perturba as bases da existência humana. Desta comoção existencial vai surgindo a nova temática antropológica, que já não é uma temática de **princípios** ou de **formas**, mas uma temática da **vida** do homem planetário.

A missão da antropologia do futuro é descobrir aqueles temas significativos para o porvir do homem, e não só como propostas para a inteligência, mas como sinais para o caminho. Se não chegássemos a reconhecer a tempo estes ‘temas-sinais’, se não chegássemos a vislumbrar através destes ‘signos’ do futuro um novo ideal para viver e para ser, correríamos o risco de desembocar em formas aberrativas de vida (como já está ocorrendo). Se não forem ativadas funções humanas mais elevadas, se não se

---

<sup>1</sup> O autor utiliza aspas simples no texto para dar a entender que a palavra assim sinalizada carrega uma carga semântica que ultrapassa o significado convencional da linguagem.

penetrar a tempo no novo mundo, pondo o pé na nova terra, o homem será destruído pelas forças que ele mesmo desatou.

Talvez hoje em dia, o médico psicoterapeuta, ao abarcar em um só olhar de compreensão as ciências do homem e o próprio homem - ainda mais, ao participar com sua própria pessoa na busca de uma resposta à crise existencial do homem contemporâneo - talvez, volto a repetir, seja este novo **médico-filósofo** aquele que esteja em melhores condições para compreender as profundas mudanças que estão se produzindo na mente, na sensibilidade e na biologia molecular do homem e da mulher de nosso tempo.

O *tema* que vou apresentar-lhes se refere, fundamentalmente, ao “vínculo” que existe entre a revolução científico-técnica do mundo moderno e as transformações que estão ocorrendo no espaço interior do homem.

A mensagem pós-moderna não é ideológica, mas “vibratória”, energia significativa que muda a geometria da matéria do mundo e deixa sua pegada invisível na alma do homem.

Para nomear a função de síntese que caracteriza o emergente antropológico do novo signo do tempo, utilizo a palavra-símbolo “*egoência*”, egoência do Ser.

Egoência é “germe de futuro no homem” e princípio antropológico de uma ciência unificada do ser, “Antropologia de Síntese”.

A nova antropologia não só mostra as pegadas de nosso passado antropológico, mas os “sinais” dos homens e das mulheres que vêm, sinais ainda muito incipientes, mas de extraordinária significação para o porvir humano.

## EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE

Enquanto as velhas estruturas acadêmicas preservam o conhecimento fragmentado da “galáxia de Gutenberg”, os cientistas de vanguarda em física nuclear, química quântica, biologia molecular, astrofísica, transcendem o marco epistemológico racional para adentrarem-se no campo da intuição, da compreensão e da visão. Já não nos admiramos de que um Einstein diga que “o caminho para aceder às leis mais gerais do universo se assemelha à experiência dos amantes ou dos místicos”. Ou que um Heisenberg faça referência aos corpos geométricos do Timeu, para relacioná-los com a teoria matemática de matrizes. Ou que um Fritjof Capra dedique todo um livro, “O Tao da Física”, para mostrar o paralelismo entre a física teórica moderna e as filosofias orientais. Que Einstein dialogue com Rabindranath Tagore, e David Bohm com Krishnamurti. Todos eles em busca de pontes significativas entre o pensamento científico, a sensibilidade poética e a transcendência espiritual.

Este giro epistemológico se torna cada vez mais urgente no campo da antropologia, à medida que nos damos conta de que o conhecimento fracionado que hoje possuímos é insuficiente para compreender o homem.

O que eu chamo de “epistemologia de síntese” não se funda em uma nova teoria do conhecimento, mas em uma nova função humana. Não procede de uma nova metafísica, mas de uma nova *fisiologia*, de um novo “órgão” do saber.

Em outras palavras, a epistemologia de síntese não surge da unificação da ciência, mas da unidade do homem. Isto é, a unidade do homem é, *antes* que a unidade da ciência. A “palavra-testemunho” é, *antes* que a “prova” científico-experimental.

A palavra “síntese” é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo. Como conceito é um momento da dialética e pressupõe a composição de um todo pela soma de suas partes. Porém, como símbolo, toda síntese é uma operação que se efetua de uma só vez, acede ao todo de forma imediata, sem passar pela soma ou pela composição

das partes. Aqui já não há divisão entre o conhecedor e o conhecido, entre o conhecimento e o ser, entre a linguagem da inteligência e a mística do coração.

Com a palavra “síntese”, se apresenta uma primeira dificuldade de linguagem no campo da Antropologia de Síntese, barreira semântica que, por outro lado, se apresenta hoje em toda tentativa de compreensão global da realidade.

Se partirmos da base de que a epistemologia de síntese não se funda na linguagem da ciência para interpretar o homem, mas na linguagem do homem para pronunciar-se a si mesmo, compreenderemos que - para além da linguagem conceitual - se requer uma linguagem “vibratória”, energético-simbólica, descritiva e analógica ao mesmo tempo, feita de palavras e silêncios, de gestos e de ritmos.

Assim como a nova física teve que introduzir conceitos-síntese, tais como “partícula/onda”, “espaço/tempo”, “massa/energia”, “matéria/antimatéria”, a Antropologia de Síntese requer expressões simbólicas ainda mais abarcantes, tais como “individualidade/transcendente”, “egoência do Ser”, “ressonância por similitude”, “reversibilidade de valores”.

O “deslocamento semântico” da linguagem é cada dia mais veloz. Em pouco tempo passamos da lógica formal à lógica simbólica e à lógica quântica, e avançamos agora para uma linguagem vibratória por ressonância de similitude.

# ANTROPOLOGIA FISIOLÓGICA

Da antropologia filosófica do passado, passamos à antropologia *fisiológica* do futuro.

Aqui já não se trata de “restos embrionários” ou de “pegadas fósseis”, mas de “impressões primordiais”, embriogênese prefigurativa, “germes de futuro no homem”. É o registro cartográfico de funções incipientes que amanhã serão órgãos.

Os referentes simbólicos que utilizo para aproximar-me desta fisiologia do *antes* são: “ruptura de simetria”, “nova aliança” e “corpo alternante”.

## Ruptura de simetria (“*simmetry break*”)

Ilya Prigogine, Nobel de Química, mostrou que, em processos dinâmicos “afastados do equilíbrio”, longe da morte térmica que determina a segunda lei da termodinâmica, se produzem “flutuações” de suficiente amplitude de forma a “romper” a estrutura do antigo sistema (“*simmetry break*”) e a lançá-lo a outro ciclo qualitativamente diferente.

Uma ruptura similar à que vivemos hoje, por fora e por dentro, como “acontecimento paradigmático do novo signo do tempo”. Depois do ano 45, já não vivemos no mesmo mundo nem no mesmo tempo. De repente, penetramos em um novo espaço, mas ainda não sabemos viver nele. Não se trata somente de mudanças sociopolíticas e tecnológicas do mundo externo, mas de transformações que vivemos em nossa própria fisiologia. O “tempo intrínseco” da matéria humana mudou, a relação do homem com o cosmos não é a mesma, o “cânon antropológico” é diferente. Como diz o biólogo Jacques Monod, “rompeu-se o antigo pacto com a natureza”. Porém, ao mesmo tempo, preparam-se as condições para uma “nova aliança”

## **Nova aliança**

Quais são as condições para uma nova aliança? A investigação em biologia molecular nos diz que, para que se produza uma “estrutura dissipativa” (em termos de Prigogine e sua escola), isto é, uma forma expansiva da matéria-viva, são requeridas condições básicas de “abertura”, “intercâmbio” e “catálise”.

Na dinâmica co-evolutiva do ser humano, estes mesmos princípios exigem uma leitura diferente. O marco qualitativo do fenômeno é diferente. já não se trata aqui de intercâmbio de energia/informação em um oceano cósmico anônimo, sem ninguém que o habite, mas de relações vivas do ser, em um cosmos habitado.

Tratemos de explicar-nos.

O que chamamos de crise existencial (“ruptura de simetria do sentido”) é pré-condição da “aliança”, mas não é a aliança em si mesma. Para muitos, a casa desmorona, mas muito poucos saem transformados, a maioria fica sob os escombros. A ruptura de simetria provoca a “abertura” da máscara da personalidade e, no melhor dos casos, uma certa abertura da mente, mas nem sempre uma real abertura do coração.

A tecnologia moderna (com sua “hibridação de meios”, como diz McLuhan) já produziu uma “nova aliança”, mas o fez somente a nível “logotécnico”: é a aliança antopo-eletrônica da informática e das máquinas cibernéticas. Porém, para humanizar a energia liberada pela técnica é necessário complementar a “aliança logotécnica do cérebro” com a “aliança logoquímica do coração”.

O que é “aliança logoquímica”? É a união dos valores da alma com a química da vida. Sem esta “aliança do coração” – digamos assim – poder-se-á muito bem construir a sociedade tecnocrônica (o milagre japonês, “dizei a estas pedras que se convertam em pão”: a nova tentação do deserto). Mas, com isso não se haverá chegado ao nível superior de humanização que palpita hoje como anelo profundo, em todos os movimentos sociais e espirituais de vanguarda.



Como se realiza esta “aliança” dos valores da alma com a química da vida? Através de um “contato por similitude”.

Em física de partículas, o “enlace” se realiza por meio de uma “partícula virtual”; em bioquímica molecular por “catálise”. E a nível humano, através de um “encontro significativo”. Os níveis de intercâmbio são diferentes, mas a “lei” do encontro é a mesma: “ressonância por similitude”.

**O que é “encontro significativo”? É reflexo de “Si” em outra alma similar que nos devolve a “metade perdida”.**

Porém, o encontro significativo, por mais maravilhoso que seja, é só o “prelúdio” da aliança, não a própria aliança. É espelho da transcendência, mas não a transcendência em si.

A aliança, já não como romance ou ideia, mas como “União transcendente”, é um estado inefável do ser, não há palavra que possa expressá-la. Talvez se possa caracterizar alguma “pré-condição” da Aliança, mas não a própria Aliança.

Heidegger coloca na raiz do fundamento unitivo, a “temerária negação de si” - como ele a chama - à qual outorga supremo valor existencial. E acrescenta que este “deslumbramento” só pode dar-se “quando há algo a que oferecer à vida com objetivo de assegurar à existência, a suprema grandeza” <sup>(1)</sup>.

O Evangelho é ainda mais radical, e ante a pergunta pela transcendência responde: “Vende tudo quanto tens, toma tua cruz e segue-me” (três passos de uma dialética humano/divina muito pouco compreendida).

De qualquer modo, hoje podemos dizer que, para além da especulação filosófica e da fé religiosa, estamos nos adentrando na “experiência” da Aliança, experiência essa que está se realizando não somente na alma, mas no corpo total da humanidade de nosso tempo.

Desde o campo da experiência interior, a “lei” da aliança se revela como “reversibilidade de valores”. E o “poder” da Aliança, como energia espiritual que *une* os valores da alma com a química da vida.

Da fisiologia do homem terrestre, passamos à metafisiologia do homem cósmico, metabolismo de espírito/matéria, no ritmo reversível de um “corpo alternante”.

### **Corpo alternante**

Sem perceber muito bem, já estamos participando na dinâmica co-evolutiva de um corpo ampliado. Já não se trata somente da extensão dos sentidos através dos meios técnicos, mas da extensão de *todo* o corpo individual no campo de forças de um “corpo total”. De repente, passamos da fisiologia de circuito fechado do homem terrestre à fisioecologia de circuito aberto do homem cósmico. Não se trata somente de revolução social, transferência de tecnologia ou de comércio internacional, mas de canais recém abertos entre a fisiologia humana, as forças telúricas e a inteligência cósmica. Muitas das perturbações psicofísicas e psicossociais que padecemos se devem à falta de adaptação, à “mudança de ritmo” de um corpo que já não é o mesmo que tínhamos há quarenta anos.

A crise da civilização contemporânea não é por falta de mensagem, mas por falta de corpo. A mensagem não encontra espaço humano onde alojar-se (“não havia lugar para eles na pousada”, como diz o Evangelho). A energia vibratória da mensagem, ao não encontrar um corpo adequado para plasmar a ideia em “obra”, *retrocede* e ativa os antigos sonhos: doenças individuais e sociais, por “refluxo” de energia.

Enquanto assistimos (padecendo) à des-estruturação dos antigos corpos, um novo organismo está “sendo tecido” com fios invisíveis, na dupla dimensão vertical e horizontal do “espaço do encontro humano” <sup>(2)</sup>. Já não tem a estrutura rígida dos corpos

do passado nem sua densidade material. É um corpo de geometria reversível, “corpo alternante” de matéria/luz. Determina-se como ‘partícula’ e se expande como ‘onda’.

Como funciona neste novo corpo?

Se requer um novo tipo de “dança”. Um ponto interior de “reversibilidade da força” para sustentar-se no vazio, sem cair. Um sentido de “identidade/transcendente” para trabalhar com alegria na “obra de todos”, sem deixar de ser.

O novo corpo começa a ser percebido por dentro, como um “novo sentido de pertinência”, ideia/sentimento do homem cósmico, egoência do Ser. E se manifesta por fora em função de “obra”. Porém, a “obra” não está aqui desvinculada do “ser”, senão que o ser se realiza a si mesmo através da obra. Boa parte da insatisfação atual se deve a que tenhamos substituído o sentido da obra pelo benefício do salário. É lamentável que os sindicatos lutem só pelo salário e não pela obra.

# ANTROPOLOGIA CRÍTICA E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A primeira crítica se refere ao “marco teórico”, dentro do qual surge a própria noção e a “antropologia”. O que, dito de outra forma, significa questionar o sistema de conceitos que nos permitiu conformar uma determinada ideia do homem.

A Antropologia de Síntese não se funda em uma “ideia” do homem, mas em um movimento *a partir* do homem. Giro metodológico que nos leva de uma antropologia do conceito a uma antropologia de participação. Da “ideia” do homem, passamos à “medida” do homem.

Em Antropologia de Síntese, “o método é a medida”. É algo assim como o que ocorre em física quântica quando se realiza uma medida: salto abrupto de uma potencialidade multifacética (função de onda de Schrödinger) à realidade objetiva compatível com nossa experiência sensorial. A contradição entre sujeito e objeto fica superada. A função de onda, como diz Heisenberg, ocupa essa “estranha posição média entre ideia e realidade”. O mesmo ocorre no método de síntese, quando passamos da “ideia” ao “espaço” onde se revela a ideia: reversão do pensamento. Em um e em outro caso, já não estamos no terreno firme da lógica formal, mas na dinâmica reversível da “lógica quântica”. Em Antropologia de Síntese, “medida” é a relação entre a particularidade individual do ser humano concreto e a potencialidade de campo do Ser total.

O segundo questionamento é para toda antropologia filosófica ou metafísica separada da vida cotidiana. A Antropologia de Síntese é postulada mais como “ferramenta prática” do que como modelo teórico, mais como “sinal” para o caminho do que como o próprio caminho. Aponta antes para a “obra” que para o sistema. Não para tal ou qual obra do homem, mas para o próprio homem, como obra. E a “obra” não surge da ideia, mas do *“movimento de Si”*, da liberdade do movimento do Ser. Já

não se trata de tal o qual direção do movimento, mas do movimento total, uma dimensão perdida em aras da especialização de funções. O movimento total é um “pulso reversível a partir do centro”. É esse movimento o que delineia o campo total que opera como fundamento das diferentes facetas em que se manifesta a Antropologia de Síntese. Em sua face expansiva, temos uma antropologia social, ecológica e cosmológica. E em sua face de interiorização, de retorno ao centro, temos uma antropologia espiritual, transcendente e mística.

A terceira crítica que quero considerar aqui se refere à cosmovisão antropocêntrica, cientificista e tecnicista que impera hoje nos países altamente desenvolvidos, e que nos conduziu a um ponto crítico de fragmentação da cultura, esvaziamento de sentido e enfermidade social. Frente aos modelos centrados na “vontade de poder”, nós destacamos os valores humanistas e transcendentais da cultura latino-americana, orientados para a “consciência de ser”. É a “outra metade” da fórmula. A expansão do poder do conhecimento através da ciência e da tecnologia exige recuperar o “sentido do humano”, através do enraizamento telúrico e da transcendência espiritual. Sem este ponto interior de equilíbrio, os avanços da cibernética poderão muito bem criar o “cibernântropo” (para utilizar a expressão de Henry Lefèbre), mas com ele teremos chegado à negação pura e simples do ser humano como tal, negação do “*antropos*”, que leva em si mesma o fim de toda a antropologia.

# ANTROPOLOGIA DE SÍNTESE COMO FUNDAMENTO DE UM NOVO MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO

A antropologia de Síntese abre o caminho para um novo Magistério Universitário, Magistério de Síntese. É a “maiêutica” da nova era, ofício sagrado que desempenham hoje os sábios, artistas, cientistas, professores, sacerdotes e terapeutas com “vocação de dar à luz”, ajudar a nascer no espaço do novo signo do tempo.

É o Magistério da Universidade do futuro, “Universidade de Síntese”. Da universidade *profissionalista*, passamos à universidade *do Homem*. A seiva que nutre e dá sentido a este novo Magistério já não circula somente pela árvore do conhecimento, mas também pela árvore da vida. Já não se trata de oferecer mais informação (variável quantitativa do conhecimento), mas de transmitir certos *traços humanos* (variável qualitativa do ser), energia/consciência indispensável para iniciar o desenvolvimento da nova cultura planetária de síntese. Não só desenvolvimento de ciência e tecnologia, mas de uma *vida* que possa ser propriamente chamada de humana.

Produziu-se no homem de nosso tempo uma perigosa fratura entre a vontade de poder e a consciência de ser. A grande tarefa da Universidade de Síntese é constituir-se em “meio humano de união” entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Para isso, faz falta uma nova pedagogia, pedagogia de co-participação. Não basta a informática, necessita-se do espírito do saber *unido* à função de serviço. À relação cibernética “homem-máquina” por fora, corresponde resgatar por dentro o vínculo “professor-discípulo”.

Os computadores japoneses de quinta geração representam hoje a “última palavra” de nossa civilização técnica. Mas, para entrar na nova era não é suficiente a última palavra, faz falta a “primeira”. E esta “primeira palavra” não a têm os computadores, senão que surge de uma nova relação ensino/aprendizagem, liberação

de energia significativa do saber. Não é questão de negar a técnica, mas também não é questão de fazer um mito da cibernética, da informática e da teoria geral de sistemas.

Em pedagogia de síntese, a investigação se desloca do instrumento para a pessoa. Ou melhor, aqui já não há contradição entre instrumento e pessoa, senão que a pessoa *é o* instrumento.

No campo específico da medicina, se fez muito patente a divisão entre medicina dos instrumentos e medicina da pessoa, duas correntes que, por um lado, se separam cada vez mais, devido ao desenvolvimento da técnica. Mas, por outro, curvam suas trajetórias em busca de uma nova síntese. A nova terapêutica é, ao mesmo tempo, uma nova “pedagogia”, pedagogia de desenvolvimento humano em função co-terapêutica. O novo terapeuta já não intervém com um instrumento técnico separado da pessoa, senão que interatua com sua própria pessoa como instrumento. Esta “humanização da técnica” - se é que podemos chamá-la assim - devolve à “arte de curar”, a hierarquia de “ofício sagrado” que teve nas escolas médicas tradicionais, e coloca o novo “médico-filósofo” em posições de vanguarda, entre aqueles que orientam e guiam o turbulento processo de mudança da sociedade de nosso tempo.

A sociedade contemporânea padece hoje de um novo tipo de patologia, enfermidade social por refluxo de energia e “implosão de massa” <sup>(3)</sup>. Eu diria que é algo mais que uma enfermidade. Desencadeou-se em todo o mundo uma estranha forma de guerra, ainda pouco compreendida. Algo nos escapou das mãos. A violência organizada já é uma força autônoma, um poder independente, sem rosto, mas com diferentes máscaras, que gera reações em cadeia difíceis de controlar. Reprime-se a violência, mas não se chega a descobrir a raiz oculta do fenômeno. E a violência gera uma contra-violência ainda maior. O que é o que está acontecendo?

Guerra revolucionária? Guerra econômico-financeira? Guerra contra o narcotráfico? Guerra contra a delinquência internacional? Guerra contra a pornografia?

Guerra contra a AIDS? Ou talvez, guerra nas estrelas? Continuamos vendo as sombras de um fenômeno planetário que não compreendemos.

A comoção planetária que hoje vivemos se assemelha mais à guerra do Mahabharata que às revoluções sociais e políticas do século XX. Luta arquetípica, cosmogônica. Lembra o descrito por Hesíodo (*Teogonia*) nas fases mais obscuras do signo do tempo. Já não lutam só os homens, mas também os deuses e os demônios.

Foram desatadas forças tenebrosas que já não são deste mundo, nem sequer do mundo dos mortos, mas do infra-mundo. E essas forças estão entre nós. o mal se tornou visível, tomou forma, se fez substância. A violação de mulheres grávidas por bandos de jovens fora de si é um signo temível do poder da sombra (a vida voltando-se contra a vida). Isto não pode ser explicado através de complexos psicológicos, necessidades econômicas ou ideologias políticas. Já não estamos aqui no limite do crescimento, mas no “limite da luz” (equivalente social do raio de Schwarzschild, na curvatura do espaço/tempo do universo físico). Cruzamos a porta perigosa, o umbral do não-retorno da luz, a fronteira dos buracos negros do corpo social: é a contrafigura do progresso, o lado sinistro daquilo que chamamos “desenvolvimento”, a face obscura do avanço da ciência, o reverso subterrâneo da conquista do espaço.

Como se conserta tudo isso? Mais prisões? Mais institutos psiquiátricos? Mais tecnologia? Ou mais repressão?

Penso que isto já não se cura com palavras, com informática, com engenharia genética, com doutrinas psicológicas, com filosofias sociais ou com economia de mercado. Faz falta a liberação de uma energia humana ainda desconhecida, energia de desenvolvimento do ser total.

Conquistadas a energia atômica, a energia psicossocial e a energia de informação, avançamos agora em direção à liberação da “energia espiritual” dentro de nós mesmos.



Energia espiritual é movimento reversível entre o céu e a terra. Ritmo cósmico no homem, enlace místico entre o conhecimento e o amor, campo de forças da comunidade espiritual que opera como fundamento energético da consciência social.

O acoplamento (aliança) entre a consciência individual e esta energia numinosa (função genesíaca reservada até agora aos deuses) conferirá ao homem futuro o poder da ação criadora por “presença operativa do ser”.

Presença operativa do ser é energia radiante de plasmação. É a força luminosa dos professores e terapeutas do futuro, dos pais e mães das gerações vindouras, e de todos aqueles que, por haverem incorporado a luz do espírito na matéria de seu próprio corpo, podem ajudar outros a cruzar sua própria sombra.

### **Referencias Bibliográficas**

- (1) Heidegger, Martín, “*Qué es metafísica?*”, Siglo XX, Bs. As., 1983, pág. 52.
- (2) Barbuy, Santiago R., “*El espacio del encuentro humano*”, Ed. ADCEA, Bs. As., 1976.
- (3) Baudrillard, Jean, “*A l’ombre des majorités silencieuses – Au fin du social*”, Denoël/Gonthier, París, France, 1982.